

# Costura e um diálogo íntimo em *A Educação da Esquecimento*

## Ester Abreu Vieira de Oliveira

Pós-doutora em Filologia Espanhola: Teatro Contemporâneo (UNED - Madri, 2003).  
Professor-voluntário da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES-CCHN-DLL-PPG.  
Mestrado e Doutorado em Estudos Literários.  
Email: esteroli@terra.com.br

**Educação do esquecimento** é uma coletânea da produção poética de Abrahão Costa Andrade entre 1992 e 2010 e está dividida em oito seções poéticas, tituladas de acordo com as obras das quais foram retirados os poemas.

Os temas, dos quais se serve o poeta para filosofar sobre a vida e pôr em evidência os seus sentimentos diante de um mundo árido, são variados, mas há predominância de uma cidade hostil, de uma sociedade massacrada e do fazer poético.

Como a linguagem poética tem a capacidade de atingir de imediato as imagens da alma, dela Abrahão se vale para descrever o seu tédio (“os dias se abrem rotos/com seu canto rouco/de desejo escuro”), dando-lhe, segundo a sua fantasia, uma aparência de sonho, ainda que fale de uma triste e cruel realidade. E, em sua constante e dolorosa impotência vê-se diante de um mundo insensível e brinca com a língua, rompendo tabus lingüísticos e literários “do lar q se me deu – o cemitério” e se lembra de Sísifo (“meu nome pedra é montanha e sísifo/azul cor encarnada de argila”).

Os versos que falam do existir humano ressoam no coração do leitor e mentes como um eco que vai ecoando por longo tempo e conduzindo a imaginação por caminhos não ainda trilhados.

“Tratado da sensibilidade” dá abertura à coletânea. Fica na primeira seção e contém oito haikais e dois poemas *Rio árido* e *Homem nu, um mito*. É na aridez do rio Parayba, “a vaidade dos jaguaribes”, que “a cidade se recicla” e cresce “no cio”. O eu poético tem dúvida de que nele possa encontrar poesia e presente a decadência do rio poluído, mas tem consciência de que é preciso “reciclar a aridez” dele e da cidade. O poema *Um homem nu, um mito* é um grito de um eu insatisfeito “sem rua ou calçada”, um grito reprimido, “Sempre entalado na goela”.

A segunda seção (ou grupos de poemas) tem um criativo e estranho título, “Mulãria da Macambaraíba”. Nessa parte há uma seleção de poemas retirados de uma obra com esse mesmo nome que em 1994 recebeu o “Prêmio Silvino Olavo”, da Secretaria de Educação do Estado da Paraíba. Há nessa parte, doze poemas curtos (Haikais) e nove poemas de tamanhos e formas irregulares gráfico-espaciais. Em alguns deles o eu poético se preocupa em falar sobre o amor e erotismo (“queimo a pele sobre a carne/ o amor grita navalha”), e busca um ritmo cortante (“Enfim/ a faca, / riso forte/ de gozo”). Há outros em que fala sobre o poema ou poesia como em *Quase*: (“Mas como nasce/um poema/ depois de tanta aridez/ no solo dos olhos?”) e em *Pra-xiologia* (!A poesia / por mim buscada/é verbo de ação”).

“O idioma dos pães”, cujo livro com o mesmo título recebeu o primeiro “Prêmio Novos Autores Paraibanos”, “Punhal & Língua”, “Tempo & Desaforo”, “O Fazedor de Véus” e “A Fuga e o Resto” fazem parte das outras seções. E cada parte carrega

a sua história própria e a de seu autor. Mas ele consegue na diversidade das obras de origem uma seleção temática que fornece unidade ao livro. O poeta costura essas seções poéticas por meio de um diálogo íntimo que os poemas constroem e que leva o leitor a saboreá-los e instigados pelas amostras dos poemas de cada seção a lerem a obra completa de Abrahão Costa Andrade.

A última seção, “Educação do esquecimento”, que dá nome à obra, contém um poema com o título da obra e está subdividido em nove partes, numeradas em romano, sempre com um ponto final ao término do poema, com espaços em branco irregulares, nos quais a poesia flui em versos longos e curtos como um soluço de saudade, para trazer ao presente a imagem de um tempo passado (“numa terra cheia de noites alagadas/ alagadas de bicicletas”, “o outro lado do mundo/ no quintal”), que o eu poético rememora e se emociona (“escapa de chorar/ e foge bem mais dentro que longe/ ou morre/ pois a manhã / será/ a mesma busca/ por nada/ e quanto mais/ coisas agudas encontras/ mais vazia/ a vida roliça/ se te as vísceras/ espalha”), num mundo em que o poder se oculta e se farta (“os militares jantam em segredo” ) e o povo inocente mingua (“uma criança sem açúcar acabou de adormecer”, “numa terra cheia de areia/ e tempo /fome”. Seguindo a esses poemas, nessa seção, estão *Interrogações, Resposta e Narciso às avessas*.

### Referência

ANDRADE, Abrahão Costa. **Educação do esquecimento**. Vila Velha: Opção Editora, 2010.

**Texto recebido e aprovado em abril de 2011.**

**Text received and approved in April 2011.**